



Ligeiramente
CASADOS

..... 

MARY BALOGH

No início era apenas conveniência, mas eles acabaram se rendendo a uma ardente paixão

Mais de 4 milhões de livros vendidos





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

PRÓLOGO



TOULOUSE, FRANÇA
10 DE ABRIL DE 1814

A cena era familiar até demais para o homem que a observava. Sua longa experiência lhe ensinara que não havia grande diferença entre um campo de batalha e outro – não depois que a batalha terminava, pelo menos.

A fumaça da artilharia pesada e dos inúmeros mosquetes e fuzis dos dois exércitos começava a se dissipar o suficiente para revelar a vitória da Inglaterra e das tropas aliadas. Com essa batalha, elas conquistavam o trecho ao longo das montanhas Calvinet, a leste da cidade, e podiam voltar suas armas para a própria Toulouse, para onde as forças francesas, sob o comando de Soult, haviam recuado pouco antes. Mas o cheiro acre permanecia no ar e se misturava aos odores de poeira, lama, animais e sangue. Apesar do barulho permanente – vozes gritando ordens, cavalos relinchando, lâminas de espadas chocando-se, rodas girando – havia a já conhecida sensação de um silêncio anormal, indistinto, agora que as armas de fogo haviam se calado. O chão estava coberto de mortos e feridos.

Era uma visão diante da qual o coronel lorde Aidan Bedwyn nunca conseguira ficar insensível. Alto, forte, moreno, com o nariz aquilino e as feições que pareciam ter sido esculpidas em granito, o coronel era temido por muitos. Mas, depois de um confronto, ele sempre percorria o campo de batalha para identificar os mortos de seu próprio batalhão e oferecer o conforto possível aos feridos.

Bedwyn abaixou os olhos escuros e inescrutáveis, os lábios cerrados em uma expressão severa, encarando um amontoado escarlate no chão, as mãos atrás das costas, a grande espada da cavalaria, suja da batalha, guardada na bainha ao lado do corpo.

– Um oficial – disse ele, indicando a faixa vermelha com um leve aceno de cabeça.

O homem que a usava estava de braços, com o rosto enfiado na terra, os braços abertos e torcidos da queda do cavalo.

– Quem é ele?

O ajudante de ordens do coronel se abaixou e virou o oficial.

O homem que Bedwyn pensara estar morto abriu os olhos.

– Capitão Morris – chamou o coronel Bedwyn –, o senhor foi ferido. Rawlings, peça para trazerem uma maca. Sem demora.

– Não – disse o capitão com a voz débil. – Acabou para mim, senhor.

O coronel lorde não o questionou. Apenas fez um gesto discreto para o ajudante de ordens, sinalizando para que esquecesse a maca, e continuou a examinar o capitão moribundo, cujo casaco escarlate estava ensopado de um vermelho ainda mais forte. Com certeza não lhe restavam mais do que uns poucos minutos de vida.

– O que posso fazer pelo senhor? – perguntou o coronel. – Quer água?

– Um favor. Uma promessa.

O capitão Morris cerrou as pálpebras de aparência ressecada sobre os olhos que se apagavam e, por um instante, o coronel pensou que ele havia partido. Por isso, apoiou-se sobre um dos joelhos, afastando a espada do caminho. Mas as pálpebras do capitão voltaram a se abrir.

– A dívida, senhor. Eu disse que nunca a cobraria. – A voz dele agora estava ainda mais fraca, os olhos desfocados.

– Mas eu jurei que a pagaria mesmo assim. – O coronel Bedwyn se inclinou sobre o homem à sua frente, para ouvi-lo melhor. – Diga-me o que posso fazer.

Dois anos antes, quando ainda era tenente, o capitão Morris salvara a vida de Bedwyn na Batalha de Salamanca, quando o cavalo do coronel fora alvejado e caíra. Bedwyn enfrentava um oponente a cavalo, em uma luta feroz, quando outro homem surgiu às suas costas e estava prestes a golpeá-lo. O tenente matara o segundo adversário, desmontara do próprio cavalo e insistira para que o oficial superior ficasse com ele. Morris fora seriamente ferido na luta que se seguira, mas como resultado fora recompensado com a patente de capitão, uma promoção que ele não tinha meios de comprar. Na época, Morris insistira em dizer que o coronel Bedwyn não lhe devia nada, que era dever de um soldado dar cobertura aos companheiros, prin-

cialmente aos oficiais superiores. Ele estava certo, é claro, mas o coronel jamais esquecera a dívida.

– Minha irmã – disse o capitão, os olhos fechando-se novamente. – Dê a notícia a ela.

– Farei isso pessoalmente – assegurou o coronel. – E direi à sua irmã que seus últimos pensamentos foram para ela.

– Não deixe que ela fique de luto. – pediu o homem, respirando com grande dificuldade. – Minha irmã já passou muito tempo assim. Diga que ela não deve se vestir de preto. Que esse foi meu último desejo.

– Direi a ela.

– Prometa... – A voz falhou. Mas a morte ainda não o levara. De repente, o capitão abriu os olhos, e conseguiu reunir forças para levantar o braço e tocar a mão do coronel com os dedos fracos já carregados do frio da morte. Ele falou com uma urgência que apenas o fim da vida provocava. – Prometa que irá protegê-la – pediu Morris. Seus dedos apertavam febrilmente a mão do coronel – Prometa! Custe o que custar!

– Prometo. – O coronel aproximou ainda mais a cabeça, na esperança de que seus olhos e sua voz conseguissem penetrar a bruma da morte que engolfava o homem agitado diante dele. – Eu lhe faço o meu mais solene juramento.

O último suspiro escapou dos lábios do capitão no momento em que essas palavras foram ditas. O coronel estendeu a mão para fechar os olhos de Morris e permaneceu apoiado sobre um dos joelhos por mais um ou dois minutos, como se fizesse uma oração, embora na realidade estivesse considerando a promessa que acabara de fazer. Ele prometera levar a notícia da morte do irmão à Srta. Morris em pessoa, embora não soubesse quem ela era nem onde morava. Prometera ainda informar à moça que o último desejo de Morris fora que ela não ficasse de luto por ele.

E ainda fizera seu juramento mais sagrado de que iria protegê-la. Do que – ou de quem – ele não tinha a menor ideia.

Custe o que custar!

O eco dessas últimas palavras ditas pelo homem à beira da morte ressoava nos ouvidos do coronel. O que poderiam significar? O que exatamente ele jurara fazer?

Custe o que custar!

CAPÍTULO I



INGLATERRA — 1814

Um vale protegido pela sombra das árvores cortava o parque no lado oeste do Solar Ringwood, em Oxfordshire. A água do córrego murmurava pelo leito de pedras até se juntar ao rio mais largo que delimitava o parque e cortava Heybridge, o vilarejo mais próximo. O vale era sempre um recanto reservado e adorável. Naquela manhã de maio, contudo, a beleza do lugar estava de tirar o fôlego. Os jacintos azuis, que não costumavam florescer antes de junho, foram seduzidos pelo calor primaveril e desabrocharam mais cedo. As azaleias também estavam em flor, de forma que as margens em declive do vale estavam atapetadas de azul e rosa. Raios de sol cintilantes se infiltravam pelas copas verde-escuras dos altos ciprestes e chegavam ao solo em uma mistura de brilho e sombra, enquanto faziam cintilar a água murmurante do córrego.

Eve Morris estava no meio dos jacintos, que iam até a altura de seus joelhos. Ela decidira que a manhã estava linda demais para ser desperdiçada nos afazeres domésticos e da fazenda, ou mesmo na cidade. Os jacintos só estariam em flor por pouco tempo, e colhê-los para enfeitar a casa sempre fora uma das atividades favoritas de Eve na primavera. Ela não estava sozinha. Havia convencido Thelma Rice, a preceptora, a cancelar as aulas por algumas horas e levar seus dois alunos e o filho pequeno de Thelma para colherem flores também. Até mesmo tia Mari as acompanhara, apesar da artrite nos joelhos e da dificuldade em respirar. Na verdade, fora ideia dela transformar a ocasião em um piquenique. Naquele momento, tia Mari estava sentada na cadeira resistente que Charlie lhe trouxera, com uma cesta enorme cheia de comida e bebida ao seu lado e as agulhas de tricô trabalhando ativamente.

Eve se levantou para esticar as costas. Uma pilha de flores com longos caules estava cuidadosamente arrumada na cesta em seu braço. Com a mão livre, firmou o velho chapéu flexível de palha, embora a fita cinza larga que cruzava a copa e a aba estivesse bem presa sob seu queixo. A fita combinava com o vestido de algodão que usava, de corte simples, cintura alta e mangas curtas: a roupa ideal para uma manhã no campo em que não se esperasse receber visitas. Ela saboreou a sensação de bem-estar que a dominou. O verão estava apenas começando – um verão que, pela primeira vez em muitos anos, não estava associado a uma onda de ansiedade. Bem, ou *quase* isso. Havia, é claro, a dúvida constante do que estaria mantendo John longe de casa. Ele deveria ter voltado em março ou, no máximo, em abril. Mas John viria assim que pudesse. Disso Eve estava certa. Enquanto isso, ela apreciava os arredores e suas companhias com tranquila satisfação.

Tia Mari nem olhava para as próprias mãos, ocupadas com as agulhas. Em vez disso, observava as crianças com um sorriso afetuoso no rosto enrugado. Eve sentiu uma onda de ternura por ela. A tia passara quarenta anos trabalhando no fundo de uma mina de carvão, puxando vagonetes por seus corredores, até que o marido dela – tio do pai de Eve – morrera e o pai da jovem lhe oferecera uma pequena pensão. Eve persuadira a tia-avó a ir morar no solar da família havia pouco mais de um ano, quando o pai ficara muito doente.

Davy, de 7 anos, estava concentrado em colher as flores, o cenho franzido no rosto magro, como se a tarefa fosse algo de extrema importância. Logo atrás dele, como sempre, a irmã, Becky, de 5 anos, cantarolava desafinada e colhia flores com bem menos concentração, mas com um prazer muito mais evidente. Parecia uma criança que se sentia segura. Se ao menos Davy conseguisse aprender a relaxar como a irmã, se deixasse de lado a aparência séria, tensa, que o fazia parecer anos mais velho... Mas isso acabaria acontecendo, disse Eve a si mesma, só precisava ter paciência. Não era mãe de nenhum dos dois, embora ambas as crianças estivessem morando com ela fazia sete meses. Não tinham mais ninguém.

Muffin estava mais adiante, perto do córrego, com três patas apoiadas precariamente em três pedras, a quarta dobrada sob a barriga e o focinho apenas um centímetro acima da superfície da água. Ele não estava bebendo. Muffin se via como um cão pescador premiado, embora jamais houvesse conseguido pegar um girino que fosse. Cachorro tonto!

O pequeno Benjamin Rice subiu cambaleando até a mãe, com um punhado de pétalas de azaleia e de jancintos firmemente apertado em uma das mãos. Thelma se inclinou para pegá-las nas mãos em concha, como se fossem um tesouro raro e precioso – o que de fato eram.

Eve sentiu uma ponta de inveja daquele amor de mãe, mas logo afastou o sentimento – não era digno. Considerava-se um dos seres humanos mais afortunados que conhecia. Morava naquele sonho de lugar, estava cercada por pessoas a quem amava e por quem era amada e a solidão de sua juventude ficara no passado distante. Dentro de uma semana, faria um ano da morte do pai e ela poderia abandonar o meio-luto e voltar a usar roupas *coloridas* outra vez. Mal podia esperar. Logo – a qualquer momento – John estaria de volta, e ela finalmente poderia admitir para o mundo que estava apaixonada, apaixonada, apaixonada. Seria capaz de sair girando pelo campo só de pensar naquilo, como uma garota exuberante, mas se contentou apenas em sorrir.

E então havia ainda outra perspectiva para tornar sua felicidade mais completa. Percy voltaria para casa. Ele avisara em sua última carta que tiraria uma licença assim que pudesse, e agora com certeza já seria possível. Pouco mais de uma semana antes, Eve ouvira a excelente notícia de que Napoleão Bonaparte se rendera às tropas aliadas na França e que a longa guerra enfim terminara. James Robson, vizinho de Eve, fora pessoalmente até Ringwood assim que soubera da novidade, pois sabia a importância que teria para Eve – era o fim dos anos de preocupação com a segurança de Percy.

Eve se inclinou para pegar mais jacintos. Queria colocar um vaso de flores em cada cômodo da casa. Eles celebrariam a primavera, a vitória, a segurança e o fim do luto com muita cor e perfume. Só *faltava* John dar notícias.

– Quem está pronto para comer? – convidou tia Mari, alguns minutos mais tarde, com seu forte sotaque galês. – Estou exausta só de ficar olhando vocês.

– Eu! – gritou Becky, saltando feliz na direção da cesta e pousando as flores que colhera ao lado de tia Mari. – Estou faminta!

Davy endireitou o corpo, mas ficou onde estava, parecendo indeciso, como se desconfiasse de que a oferta pudesse ser retirada caso ele se movesse.

Muffin subiu do córrego latindo e sacudindo o corpo, suas orelhas – a boa e a que estava pela metade – em pé.

– Você também deve estar com fome, Davy. – Eve foi até ele e passou o braço livre pelos ombros magros do menino, levando-o junto com ela. – Como você é trabalhador! Colheu mais flores do que qualquer um de nós.

– Obrigado, tia Eve – disse o garoto, em um tom sério. Ele ainda falava o nome dela com constrangimento, como se fosse uma impertinência se dirigir a Eve com tanta familiaridade.

Davy e Becky não tinham nenhum parentesco com Eve, a não ser por uma tênue ligação por casamento de um parente dela, mas como poderia permitir que duas crianças crescessem em sua casa dirigindo-se a ela como *Srta. Morris*? Ou a tia Mari como *Sra. Pritchard*?

Thelma estava rindo. Com flores em um dos braços e Benjamin no outro, não tinha como impedir que o filho puxasse para trás a touca que ela usava.

Tia Mari abrira a cesta e estava retirando pãezinhos frescos, que haviam sido cuidadosamente enrolados em uma toalha de chá. O cheiro de fermento dos pães, somado ao do frango frito, fez Eve notar como estava faminta. Ela se ajoelhou na manta que Davy e Becky haviam aberto sobre a relva e se encarregou da grande jarra de limonada.

Os cerca de dez minutos que se seguiram em que todos comeram praticamente em silêncio foram a comprovação de quanto haviam trabalhado duro e também do talento culinário da Sra. Rowe, a cozinheira. Por que a comida sempre parecia muito mais apetitosa ao ar livre?, perguntou-se Eve, limpando os dedos engordurados em um guardanapo de linho depois de devorar o segundo pedaço de frango.

– Acho melhor – disse tia Mari – arrumarmos tudo e voltarmos para casa com as flores, antes que elas murchem. Se alguém puder passar a minha bengala, vou levantar esses velhos ossos da cadeira assim que guardar a lâ e as agulhas na bolsa.

– Ah, temos que ir? – perguntou Eve com um suspiro, enquanto Davy se apressava em entregar a bengala a tia Mari.

Mas naquele momento alguém chamou seu nome.

– Srta. Morris! – gritou a voz, urgente e ofegante. – Srta. Morris!

– Ainda estamos aqui, Charlie. – Ela se virou para encarar o jovem robusto e de rosto saudável, que chegava pesadamente à beira do vale, vindo da direção da casa, e descia correndo até eles, em seu jeito nada gracioso. – Venha devagar, ou acabará escorregando e se machucando.

Embora não precisasse de mais criados, Eve contratara o rapaz meses antes, para fazer pequenas tarefas na casa, no estábulo e no parque. Ninguém mais quisera oferecer emprego a Charlie após a morte do pai dele, o ferreiro da cidade, porque o consideravam abobado. O próprio pai costumava dizer que ele era um fardo inútil. Eve, no entanto, jamais conhecera alguém tão disposto a trabalhar e agradar como Charlie.

– Srta. Morris. – Ele estava arfando e com o rosto vermelho quando finalmente chegou perto o bastante para dar o recado.

Sempre que se pedia a Charlie para realizar alguma tarefa, ele se comportava como se precisasse anunciar o fim do mundo, ou algo de importância similar.

– Fui mandado. Pela Sra. Fuller. Para dizer que volte para casa. – Ele lutava para recuperar o fôlego entre cada frase curta.

– Ela disse o motivo do pedido, Charlie? – Eve se levantou sem pressa e sacudiu a saia. – Já estávamos todos a caminho de casa, de qualquer modo.

– Chegou alguém – disse o rapaz. Ele ficou completamente imóvel, os pés grandes bem afastados um do outro, o cenho franzido em rugas de concentração, esforçando-se para recordar algo. – Não consigo lembrar o nome dele.

Eve sentiu um frio na barriga de pura empolgação. *John?* Mas já se desapontara tantas vezes nos últimos dois meses que era melhor não considerar essa possibilidade. Na verdade, ela até começava a se perguntar se ele realmente apareceria, se algum dia tivera a intenção de vir. Mas como não estava preparada para aceitar uma conclusão tão drástica, Eve a afastou da mente.

– Ora, não se preocupe – disse ela em um tom animado. – Ouso dizer que iremos descobrir em breve. Obrigada por trazer o recado tão prontamente, Charlie. Você se incomodaria de levar a cadeira da Sra. Pritchard de volta para casa e depois vir buscar a cesta?

Ele sorriu diante da perspectiva de se fazer útil e se colocou de prontidão para pegar a cadeira no momento em que tia Mari ficasse de pé. Então se voltou para Eve com uma expressão iluminada e triunfante.

– Ele é militar – informou Charlie. – Eu o vi antes que a Sra. Fuller me mandasse chamar a senhora e ele estava usando um daqueles uniformes com coisas vermelhas.

Militar.

– Ah, Eve, meu amor – disse tia Mari, mas Eve nem sequer a ouviu.

– *Percy!* – gritou ela, empolgada.

A cesta, as flores e as pessoas ao redor foram esquecidas. Eve ergueu as saias com ambas as mãos e começou a subir correndo a encosta, deixando a tia, Thelma e Charlie a juntarem as crianças e as flores.

O caminho até o solar não era longo, mas a maior parte dele era de subida. Eve mal percebeu isso. Assim como também não se deu conta de Muffin correndo e arfando em seus calcanhares a cada passo. Ela chegou rapidamente ao topo, passou correndo pelas árvores, contornou o lago de nenúfares e subiu a ladeira que levava aos estábulos. Passou pelas várias construções da propriedade, atravessou a varanda com pavimento de pedras e alcançou as portas da frente da casa. Quando por fim entrou de supetão no vestíbulo, estava ruborizada, ofegante e provavelmente com a aparência muito desarrumada, até mesmo negligente. Mas não se importava nem um pouco, e Percy não se importaria.

Aquele velhaco! Ele não dissera uma palavra sobre estar voltando. Mas isso não importava. E era maravilhoso ser surpreendida – ao menos quando as surpresas eram *boas*. Percy voltara para casa!

– Onde está ele? – perguntou Eve a Agnes Fuller, a governanta, que esperava no vestíbulo, grande, firme, com o rosto fino e as feições severas.

Era mesmo típico de Percy fazer suspense, em vez de encontrá-la ali, levanta-la no ar e dar um abraço de urso na irmã.

– Na sala de visitas – disse Agnes, apontando com o polegar para a direita. – Quanto a você, cachorro, lá fora até essas patas estarem limpas! É melhor subir primeiro, minha ovelhinha, e lavar seu...

Mas Eve não a ouviu. Saiu em disparada pelo piso quadriculado do vestíbulo, abriu a porta da sala de visitas e entrou apressada.

– Seu velhaco! – gritou, desfazendo o laço da fita que prendia o chapéu.

Então Eve ficou paralisada, sentindo uma enorme vergonha se abater sobre ela. Não era Percy. Era um estranho.

Ele estava de pé perto da lareira apagada, mas de frente para a porta. Parecia ocupar metade do cômodo. O homem devia ter mais de 2 metros de altura, usava uniforme completo do regimento: o casaco escarlate e os detalhes em dourado imaculados, a calça muito branca, as botas da cavalaria – que lhe chegavam aos joelhos – brilhando, muito bem engraxadas. Ao lado do corpo, cintilava a espada guardada na bainha. Era imponente,

forte, firme, com um ar ameaçador. Tinha uma expressão implacável nas feições marcadas, acentuada pelas sobranceiras e cabelos escuros. Era um rosto severo, com olhos duros, quase negros, um nariz grande e aquilino e lábios finos de aparência cruel.

– Ah, por favor, perdoe-me – disse Eve, horrorizada, de repente se dando conta de sua má apresentação.

Ela tirou o chapéu – seu velho chapéu já disforme – e o segurou ao lado do corpo. Imaginou que seus cabelos deviam estar amassados e desarrumados. E com certeza devia ter pétalas e pedaços de grama por toda a roupa. Além de marcas de terra no rosto. *Por que* não parara para perguntar a Agnes quem era o militar que aparecera para visitá-las? E *por que* o homem estava ali?

– Pensei que encontraria outra pessoa.

O homem a encarou por um longo instante antes de se inclinar em uma mesura.

– Srta. Morris, eu suponho? – disse.

Ela inclinou a cabeça retribuindo o cumprimento.

– O senhor tem uma vantagem sobre mim – falou Eve. – O criado que foi me buscar havia esquecido seu nome.

– Coronel Bedwyn, a seu dispor, madame – apresentou-se.

Eve reconheceu o nome na mesma hora. Poderia até completar as informações. Era o coronel lorde Aidan Bedwyn, o oficial superior de Percy. Se ela já se sentia profundamente mortificada antes, agora teve vontade de que um buraco se abrisse sob seus pés e a engolisse.

Mas Eve não demorou muito a se dar conta de que o embaraço era a menor de suas preocupações. O homem era o *oficial superior de Percy*. E estava parado na sala de visitas do Solar Ringwood usando seu uniforme completo, formal. Não havia necessidade de perguntar por que o coronel estava ali. Naquele instante, Eve *soube*. E sentiu a cabeça ficar gelada de repente, como se todo o sangue sumisse. Até mesmo o ar que saía de suas narinas parecia feito de gelo. Sem perceber, Eve deixou o chapéu cair no chão, bateu as costas até encontrar a maçaneta, segurou-a com força e fechou a porta com ambas as mãos.

– O que posso fazer pelo senhor, coronel? – Eve ouviu a própria voz como se estivesse vindo de algum lugar muito distante.

O coronel Bedwyn a encarou com firmeza, o rosto inexpressivo.

– Sou portador de más notícias – disse. – Há alguém que gostaria de chamar?

– Percy? – O nome do irmão saiu em um sussurrou.

Podia muito bem imaginar aquele homem brandindo a lâmina de metal fria e pesada que trazia ao lado do corpo, pensou uma parte distante da mente de Eve. Matando com aquela espada.

– Mas as guerras estão terminando. Napoleão Bonaparte foi derrotado. Ele se rendeu.

– O capitão Percival Morris caiu em combate em Toulouse, no sul da França, no dia 10 de abril – informou o coronel. – Ele morreu como um herói, madame. Lamento profundamente a dor que essa notícia lhe causará.

Percy. Seu único irmão, a única pessoa que idolatrara durante a infância, que adorara desesperadamente quando moça, quando ele era rebelde, impetuoso e estava em constante conflito com o pai. O irmão a quem amara sem reservas durante os longos anos em que ele esteve ausente por ter usado o inesperado legado deixado para ele pelo tio-avô materno para comprar uma patente no regimento da cavalaria. Ele que lhe retribuía amando-a com alegria e generosidade. Eve recebera uma carta que ele enviara – da França – fazia apenas duas semanas.

O capitão Morris caiu em combate...

– Quer se sentar? – O coronel se aproximara, embora não a tocasse. Ele pairava acima dela, enorme, sombrio e ameaçador. – Está muito pálida. Posso chamar alguém para ajudá-la, madame?

– Ele morreu?

Percy morrera fazia quase um mês e ela não soubera. Nem sequer sentira nada. Ele já havia morrido fazia duas semanas quando ela lera aquela última carta, e mais de duas semanas quando James lhes dera a notícia da vitória e Eve sentira um enorme alívio.

– Ele sofreu? – Pergunta tola.

– Acho que não, madame – disse o coronel.

Ele não se afastara e Eve se sentia sufocada, privada de ar e de espaço. Aquele homem devia ser muito assustador quando montado sobre um cavalo, com a espada na mão.

– Com frequência os homens que estão à beira da morte entram em um bem-vindo estado de choque que os impede de sentir a dor dos ferimentos.

Acredito que o capitão Morris tenha sido um desses homens. Ele não parecia estar com dor e não falou disso.

– *Falou?* – Eve levantou os olhos ansiosos para o coronel. – Ele falou? Com o senhor?

– As últimas palavras, os últimos pensamentos do capitão Morris foram para a senhorita – disse ele, inclinando a cabeça. – Ele me implorou que lhe desse a notícia eu mesmo.

– Foi extremamente gentil de sua parte honrar um pedido desses – disse Eve, dando-se conta de como era estranho que o oficial superior de Percy fosse pessoalmente até a casa deles, saindo do sul da França, para informar a morte do subordinado.

– Devo a minha vida ao capitão Morris – explicou o coronel. – Ele me salvou em um ato de extraordinária coragem, colocando a si mesmo sob considerável risco, dois anos atrás, na Batalha de Salamanca.

– Percy disse mais alguma coisa?

– Ele pediu que a senhorita não usasse preto por ele – falou o coronel. – Acho que acrescentou ainda que a senhorita já passou muito tempo de luto.

Ele abaixou os olhos para o vestido cinza que Eve usava e que ela tão ansiosamente esperava trocar, ainda naquela semana, por algo mais colorido, mais de acordo com a estação. Mas isso já não importava.

O irmão se fora. Para sempre.

Eve sentia-se engolfada pela dor, cegada e ensurdecida por ela, derrotada pela insuportável agonia da perda.

– Madame? – O coronel deu outro pequeno passo para a frente e estendeu a mão como se fosse segurá-la pelo braço.

Ela se esquivou.

– Mais alguma coisa?

– Ele me pediu para protegê-la – disse Bedwyn.

– Para me *proteger*?

Eve ergueu os olhos para o rosto dele de novo. Parecia esculpido em granito, pensou. Sem calor, sem expressão, sem sentimento. Se havia uma pessoa por trás daquela fachada militar dura, Eve não percebera nenhum sinal dela. Embora talvez estivesse sendo injusta. O coronel se aproximara como se quisesse ajudá-la e lhe estendera a mão num gesto protetor. E ele *fora* até ali, vindo do sul da França, para pagar a dívida que tinha com Percy.

– Aluguei um quarto na hospedaria Three Feathers, em Heybridge – informou o coronel. – Ficarei lá até amanhã, madame. Na próxima vez que eu vier até aqui, a senhorita poderá me informar como posso lhe ser útil. Creio que, no momento, precise da assistência de pessoas mais próximas. Está em choque.

Ele se afastou dela para puxar a corda ligada à sineta ao lado da porta. Ela *estava* em choque? Sentia-se perfeitamente no domínio de si mesma. Chegou mesmo a se perguntar se aquela sineta ainda funcionava, já que não conseguia se lembrar da última vez que fora usada. Também se deu conta de que se a sineta *realmente* funcionasse e se Agnes *realmente* atendesse, ela, Eve, teria que se mover. Ainda estava apoiada na porta, as mãos agarradas à maçaneta como se a própria vida dependesse disso. Não achava que conseguiria se mexer mesmo que tentasse. O Universo se faria em milhões de fragmentos. Talvez realmente não estivesse tão dona de si quanto pensava.

Percy tinha morrido.

Agnes atendeu ao chamado quase imediatamente. O coronel segurou Eve com firmeza pelo braço bem a tempo de afastá-la quando a porta foi aberta.

– Há alguém que possa chamar para ajudar a Srta. Morris? – perguntou ele, embora na verdade as palavras soassem mais como um comando ríspido do que um pedido cortês. – Se houver, faça isso imediatamente.

Agnes, em seu modo típico, apenas virou a cabeça e gritou.

– Charlie? Char-*lie*, está me ouvindo? Deixe essa cadeira no chão e corra para chamar a Sra. Pritchard. Diga para se apressar. A Srta. Morris precisa dela. *Agora!*

– A senhorita deve se sentar antes que desmaie – orientou o coronel. – Até seus lábios estão sem cor.

Obediente, Eve afundou na cadeira mais próxima e ficou ali, muito ereta, as costas mal tocando o encosto, as mãos apertadas com força, dolorosamente, no colo. Pobre tia Mari, pensou – *diga para se apressar*. Então ela ouviu o eco de algo que o coronel dissera um ou dois minutos antes.

... a senhorita poderá me informar como posso lhe ser útil.

– Não há nada que possa fazer por mim, coronel – disse ela. – Não há necessidade de se sujeitar aos desconfortos de uma hospedaria no campo. Mas agradeço sinceramente a sua oferta. E também lhe agradeço por ter feito a longa viagem até aqui. O senhor foi muito gentil.

Como era possível, perguntou-se Eve, observando Agnes pegar o chapéu que caíra no chão e, franzindo o cenho, segurá-lo junto ao peito, que conseguisse dizer palavras educadas e comuns quando *Percy estava morto*? Ela sentiu a dor aguda das unhas que se cravavam nas palmas das mãos.

– O conforto da mais humilde estalagem do campo parece um luxo para um homem que acaba de voltar de uma campanha militar, madame – disse ele. – Não precisa se preocupar comigo.

Não oferecera nada para ele beber nem comer, lembrou-se Eve no minuto ou dois de silêncio que se seguiram, enquanto Agnes a encarava, e o coronel Bedwyn mantinha o olhar longe. Ele voltara a se posicionar perto da lareira. Ela nem sequer o convidara a sentar.

Tia Mari, ainda de chapéu, entrou caminhando pesadamente na sala antes que qualquer conversa pudesse ser retomada, a bengala deixando marcas no chão, os olhos arregalados de dor, como se ela já houvesse compreendido do que tudo aquilo se tratava. Charlie provavelmente se superara ao transmitir uma sensação de tragédia. Eve cambaleou ao ficar de pé.

– A Srta. Morris precisa da senhora, madame – disse o coronel Bedwyn sem esperar qualquer apresentação. – Lamento, mas fui o portador de notícias tristes sobre o irmão dela, o capitão Percival Morris.

– Ah, minha pobre querida.

Tia Mari foi direto até Eve e a tomou nos braços. Sua bengala caiu no chão. Exausta, Eve descansou a cabeça no ombro ossudo da tia por um instante, permitindo-se o conforto do toque humano de alguém familiar, alguém que a amava, que tornaria tudo mais fácil se fosse possível. Mas ninguém poderia tornar aquela situação mais fácil. Ninguém poderia trazer Percy de volta. A infelicidade a envolveu como uma nuvem escura.

Quando Eve voltou a erguer a cabeça, os olhos da tia estavam marejados e os lábios apertados, em um esforço para controlar as próprias emoções. Muffin estava parado aos pés dela, balançando seu rabo muito curto, parecendo comovido. Agnes permanecia no mesmo lugar, agarrada ao chapéu de Eve e parecendo disposta a enfrentar até um dragão, caso alguém lhe apontasse onde. Thelma também estava lá, com uma expressão preocupada nos olhos, mas não havia sinal das crianças. A babá Johnson provavelmente as levara para o andar de cima.

O coronel lorde Aidan Bedwyn se fora.

CAPÍTULO II



A cama dele na hospedaria Three Feathers era dura; o travesseiro, cheio de grumos; a cerveja, insípida; a comida, ruim; o serviço, lamentável; a taverna, barulhenta, e faltava certo asseio em tudo, embora o estabelecimento não fosse exatamente sujo. Se ele estivesse em qualquer outro lugar que não fosse a Inglaterra – onde sua cabeça sempre o remetia a antigos padrões de qualidade –, Aidan talvez houvesse considerado estar no berço do luxo. Mas como estava em território britânico, sentia-se profundamente irritado e desejava de todo o coração poder ir para Lindsey Hall, em Hampshire, a casa de campo do irmão mais velho, o duque de Bewcastle, onde com certeza seria mimado pelo restante do seu tempo de licença.

Mas antes ele precisava completar sua missão com a irmã do capitão Morris, e ainda não tinha ideia de quanto demoraria, ou o que poderia fazer além de oferecer conforto a ela em mais uma ou duas visitas. A Srta. Morris lhe dissera que não havia nada que pudesse fazer por ela, mas é claro que falara isso em um momento de profundo choque. O próprio Bedwyn ainda se sentia um tanto chocado pela mudança que a Srta. Morris sofrera em poucos minutos – em um instante estava vibrante, corada, os olhos brilhantes, uma bela jovem, apesar das roupas simples e quase desalinhas que usava e da aparência geral desarrumada, como alguém que estivera ocupada em alguma atividade ao ar livre; no minuto seguinte, ela se tornara uma versão fantasmagórica, pálida e apática de si mesma. E fora ele quem provocara a mudança. Ah, a força das palavras! Nunca fora muito bom com elas.

Quando Bedwyn voltou ao Solar Ringwood, na manhã seguinte, a pé e não a cavalo dessa vez, pois descobrira que a distância da estalagem para a casa era de menos de 2 quilômetros, sentia-se mais relaxado para apreciar os

arredores. Afinal, já não estava preocupado com a parte mais desagradável de sua missão ali. Comunicar uma morte provavelmente era uma das tarefas mais infelizes de que alguém podia ser incumbido. Ele já fizera a mesma coisa por carta em várias ocasiões, mas jamais se vira obrigado a cumprir a missão em pessoa.

A propriedade Ringwood era bonita, com um solar antigo e agradável, o parque de bom tamanho e belamente arrumado. Parecia bastante próspero, embora as aparências muitas vezes enganassem. O capitão Morris, que não parecia ter nenhum vício caro, como beber e apostar, não pudera comprar patentes mais altas, como fizera a maioria de seus pares. Ringwood talvez estivesse hipotecada até o último fio de cabelo. Seria *esse* o problema da irmã dele?

Mas será que a propriedade seria dela de fato? A quem pertenceria agora? O pai estava morto – Aidan descobrira isso no dia anterior. O capitão Morris a teria herdado? Poderia passá-la para a irmã?

Enquanto subia o caminho que levava ao solar, as botas rangendo no cascalho, Aidan viu que havia pessoas no gramado diante da casa. Três eram mulheres – duas estavam de pé e uma sentada em uma cadeira. Também havia três crianças, todas sentadas no gramado. A mulher sentada tinha um livro aberto nas mãos. Ou lia para as crianças ou lhes dava aula. Devia ser a preceptora, concluiu Aidan. Havia passado por ela ao deixar a casa no dia anterior, recordou-se. As duas mulheres de pé, observando, eram a Srta. Morris e a senhora mais velha que fora confortá-la na véspera – esta se apoiava em uma bengala, como no dia anterior. Uma das crianças levantou os olhos e apontou na direção dele. As duas mulheres se viraram para olhar.

Por um instante, pareceu que a Srta. Morris não o reconhecia. Aidan usava roupas civis. Ele saiu da passagem de cascalho para cortar caminho pela relva, e as duas mulheres vieram encontrá-lo. Aidan percebeu que a Srta. Morris estava pálida e com olheiras, provavelmente por não ter conseguido dormir bem, mas estava composta.

– Coronel? – Ela deu um sorriso cansado. Era alta, o corpo esguio e gracioso, membros longos, cabelos castanhos e olhos cinza. Naquele dia parecia frágil e usava roupas muito simples. – Bom dia. Que gentileza sua voltar a nos visitar. Não estou certa se, ontem, agradei devidamente sua gentileza por vir me dar a notícia. Teria sido muito pior saber através de uma carta.

Ela falava com uma cadência suave, que fazia as palavras soarem musicais.

– Bom dia, madame. – Aidan se inclinou em um cumprimento. – Fico satisfeito ao vê-la recuperada, tomando ar fresco.

A Srta. Morris segurava um xale ao redor dos ombros, com ambas as mãos, mesmo o dia estando quente.

– Pode me dar a honra de apresentá-lo à minha tia-avó? – perguntou ela. – Sra. Pritchard, coronel. Este é o coronel lorde Aidan Bedwyn, tia Mari.

Ah, então ela sabia o nome e a patente dele? Aidan se inclinou novamente.

– Estou encantada em conhecê-lo, coronel – disse a tia. – Só gostaria que a razão por trás desse encontro não fosse tão triste. – Ela falava com um sotaque galês tão forte que Aidan teve que se esforçar para compreender o que dizia.

– Penso da mesma forma, madame – disse ele.

– Posso lhe oferecer um lanche? – perguntou a Srta. Morris, gesticulando na direção da casa. – Creio que negligenciei meus deveres de anfitriã ontem.

– Eu preferia caminhar com vocês aqui fora – disse ele.

– Preciso entrar para descansar as pernas, meu amor – falou a Sra. Pritchard à sobrinha.

A Srta. Morris assentiu e Aidan se virou para caminhar ao lado dela pela relva, indo em direção a um pitoresco lago de nenúfares com um bosque mais além. Mas eles não haviam dado mais de dez passos quando ela parou e se virou ao ouvir o som de latidos. Um cão marrom, de raça indistinta, talvez meio terrier, veio correndo de onde as crianças estavam sentadas, latindo com animação e gingando de um jeito esquisito. Ele corria basicamente em três patas, percebeu Aidan, quando o animal se aproximou. A quarta estava retorcida para trás. Era um vira-lata com uma orelha e meia e apenas um olho e o corpo coberto por tufo de pelos em certos pontos, intercalados com áreas sem pelo algum. Ele parou ao alcançá-los e cumprimentou a Srta. Morris cheirando a mão dela e logo erguendo a cabeça e esticando o pescoço. O cão arfou em êxtase quando ela o acariciou sob o queixo.

– Quase perdeu a chance de uma caminhada, Muffin? – perguntou ela. Então ergueu os olhos para Aidan, com uma expressão de quem quase se

desculpava pelo animal. – Ele não ganharia prêmios em uma exposição de cães, não é? Mas é muito precioso mesmo assim.

Aidan não fez nenhum comentário. O cão parecia ter perdido uma briga com um urso. O animal o encarou com aquele único olho e latiu. Depois de marcar seu protesto diante da presença do estranho, Muffin passou a bambolear ao lado dos dois, que retomaram a caminhada.

Aidan não perdeu tempo com assuntos banais. Seria insensível da parte dele entabular uma conversa sobre o tempo, ou qualquer outra amenidade, com uma mulher de luto.

– Seu irmão foi muito insistente, madame – disse Aidan –, quanto à minha promessa de protegê-la. Ele não teve tempo de se explicar, mas havia uma clara urgência no pedido. Por favor, diga-me como posso lhe ser útil.

– Já fez isso – disse ela. – Cumpriu sua obrigação, coronel, e estou profundamente grata. Fico ainda mais aliviada do que pode imaginar por saber que ele não sofreu dores terríveis.

Seria impertinente da parte dele insistir depois de ela dispensar qualquer ajuda com tanta firmeza. Ele era, é claro, um completo estranho para a Srta. Morris, assim como ela era para ele. Mas o capitão Morris gastara sua última reserva de energia exigindo uma promessa de um homem que ele sabia que não a quebraria nem fugiria dela, mesmo se pudesse.

– Ringwood era do seu irmão? – perguntou Aidan.

– Não – respondeu a Srta. Morris prontamente, sem deixar dúvidas. – É minha. Meu pai a deixou para mim. Não era um bem que o filho mais velho obrigatoriamente herdasse, e Percy e meu pai ficaram afastados por muitos anos antes da morte de papai. Ele queria que Percy ficasse em Ringwood e aprendesse a ser o que ele chamava de “um membro ativo da nobre classe dos senhores de terra”. Mas Percy queria seguir a carreira militar e, quando herdou um dinheiro de nosso tio-avô, usou-o para comprar uma patente.

Aquilo talvez explicasse a aparente pobreza de Morris. Então o problema não era o que Aidan temera. A tarefa dele não seria ajudar a jovem a deixar a casa, depois acompanhá-la a um novo lugar e ajudá-la a se acomodar em outro modo de vida. Isso ao menos era um alívio.

– Parece ser uma propriedade próspera – comentou ele, indo mais fundo na impertinência.

– É, sim.

Ela parou para pegar um graveto da boca do cão e jogá-lo para que ele fosse atrás. E não se estendeu mais na resposta.

– Onde Percy está enterrado? Em Toulouse?

– Sim – respondeu Aidan. – Junto com dois outros oficiais. O capelão do nosso regimento conduziu os ritos funerários. Foi uma cerimônia adequada, formal e digna. Eu estava lá. O túmulo está identificado e será bem cuidado. Já me certifiquei disso.

– Obrigada – disse a Srta. Morris.

Não devia haver mais nada a dizer. Ela não parecia precisar de nada material da parte dele – ou, se precisava, não o admitiria. E podia contar com a tia para confortá-la durante o período de luto. Também havia a jovem preceptora das crianças – fossem elas filhas de quem fossem. A Srta. Morris provavelmente tinha muitos amigos e vizinhos que iriam se reunir para lhe dar apoio. E não precisava de mais conforto de um estranho. De qualquer modo, ele não era bom em confortar ninguém. Era oficial do exército fazia mais de doze anos, desde que tinha 18. Todas as emoções delicadas que um dia pudessem ter feito parte de sua natureza haviam secado muito tempo antes, por falta de uso.

Mas ele fizera aquela promessa solene, que incluía palavras particularmente perturbadoras – *Custe o que custar*. Aidan sabia que não teria sossego caso não fizesse nada pela irmã do capitão Morris além de lhe dar a notícia da morte do irmão.

– Tem família na Inglaterra, coronel? – perguntou ela.

– O duque de Bewcastle é meu irmão – falou ele. – Tenho dois outros irmãos e também duas irmãs, além de outros parentes no país.

– Tem sobrinhos ou sobrinhas? – perguntou a Srta. Morris.

Aidan balançou a cabeça, negando.

– Nenhum de nós é casado.

Freyja chegara bem perto, duas vezes, com dois irmãos. Um morrera e o segundo se casara com outra. De acordo com Rannulf, que escrevera uma carta longa e divertida sobre o mais recente desastre, Freyja não ficara nada satisfeita. Aidan sabia que isso na verdade significava que ela ficara furiosa!

– O senhor deve estar ansioso para reencontrar todos – comentou a Srta. Morris. – E eles para encontrá-lo. Seu tempo de licença é longo?

– Dois meses.

– É tão pouco tempo. Não deve desperdiçá-lo aqui. Estou realmente muito agradecida por ter me concedido dois dias.

Apesar da graciosidade das palavras, Aidan percebeu que ela o estava dispensando. Sua dívida fora paga com muita facilidade, no fim das contas. Até demais. Mas não havia mais nada que pudesse fazer.

A Srta. Morris se virou na direção da casa depois que eles deram a volta no lago de nenúfares. Tudo já fora dito. Ela esperava que ele partisse. De um modo geral, Aidan supunha estar feliz com isso. *Muito* feliz. Mas também estava desconfortável.

Se ele se apressasse a voltar para a hospedaria depois de acompanhá-la até em casa, estaria bem adiantado em seu caminho de casa antes que escurecesse. Ele ansiava por rever a família, embora boa parte dela talvez estivesse em Londres, para participar da temporada de eventos sociais. O próprio Bewcastle provavelmente não estaria em sua propriedade, já que o Parlamento devia estar em sessão. Mas, acima de tudo, Aidan queria simplesmente voltar para casa. Fazia três anos desde sua última licença, que havia sido bem curta.

– Adeus, coronel. – A Srta. Morris parou quando eles chegaram perto da varanda do solar e estendeu a mão esguia para ele. – Desejo que faça uma boa viagem para casa e que aproveite sua licença. Estou certa de que merece cada momento dela. Ontem não deve ter sido fácil para o senhor. Leve consigo minha gratidão.

Ele pegou a mão dela e se inclinou.

– Adeus, madame – disse. – O capitão Morris foi um herói. Espero que possa encontrar conforto nisso, quando o sofrimento pela sua perda abrandar um pouco.

Ela sorriu, os lábios muito pálidos e os olhos tristes. O cachorro deixou escapar um rosnado baixo quando as mãos de ambos se tocaram. Aidan se virou e desceu na direção do caminho de cascalho, passando pela preceptora e pelas crianças. Finalmente poderia começar a aproveitar sua licença.

Mas talvez fosse carregar para sempre aquela incômoda sensação de não ter cumprido toda a sua promessa. O capitão Morris tinha tanta urgência na voz quando fez o pedido...

Prometa que irá protegê-la. Prometa! Custe o que custar!

O homem com certeza estava pensando em *alguma coisa*.



William Andrews, o ordenança de Aidan, trabalhava com ele fazia oito anos. Durante todas as dificuldades, todo o sofrimento das campanhas, incluindo os tediosos avanços e recuos que marcaram a Guerra Peninsular – chuva e lama, neve e frio, sol e calor, estalagens infestadas de pulgas, acampamentos insalubres a céu aberto –, durante tudo isso Andrews nunca ficara doente um único dia. Agora, de volta à temperada Inglaterra, de volta ao berço do luxo, por assim dizer, ele pegara um resfriado fortíssimo.

Quando Aidan voltara à hospedaria Three Feathers e convocara o ordenança para arrumar as malas e fazer os arranjos necessários para que o cavalo estivesse preparado para a viagem dentro de uma hora, Andrews apareceu com o nariz muito vermelho, as pálpebras pesadas, os olhos lacrimajantes, uma voz nasalada que lembrava um grasnado baixo e grave, os passos arrastados e um ar de mártir.

– Que diabo o atingiu? – perguntou Aidan.

– Estou com um leve resfriado – explicou Andrews. Ele fungou pateticamente, então espirrou e se desculpou. – O que *bosso* fazer *belo* senhor?

Aidan encarou o ordenança com a expressão severa, praguejou e mandou o homem deitar-se, tomar alguma coisa que o fizesse suar até expelir aquela febre e não sair da cama até a manhã seguinte. Embora Andrews tivesse olhado para o patrão com uma expressão de rebeldia impotente e aberto a boca para protestar, acabou pensando melhor e preferiu não discutir, apenas se retirou com uma aparência infeliz, espirrando e desculpando-se antes de fechar a porta.

E agora, que diabos ele faria?, perguntou-se Aidan. Ainda não era hora do almoço e todo o resto do dia parecia se estender tedioso e vazio diante dele. Sentar na taverna para confraternizar com os moradores da região? Explorar a “grande” Heybridge? Dar uma caminhada em ritmo acelerado ao longo da rua e voltar? Isso talvez gastasse dez minutos do tempo dele. Sair para uma longa cavalgada por uma das estradas rurais e voltar pela outra? Deitar na cama e ficar tentando formar imagens com as manchas do teto?

Estava faminto, percebeu Aidan de súbito. Já haviam se passado cinco horas desde que tomara o café da manhã, e ele não aceitara nada no Solar Ringwood. Na Three Feathers, a taverna era também onde se serviam as

refeições. Não havia nada semelhante a uma sala de jantar particular. Ele desceu as escadas, pediu uma torta de rim com carne e uma caneca de cerveja e começou a conversar com o estalajadeiro e um grupo de clientes. Valia qualquer coisa para passar algumas horas sem morrer de tédio.

Não era surpresa que a principal notícia, sobre a qual toda a cidade falava, fosse a morte de Percival Morris. Todos sabiam que fora Aidan quem trouxera a notícia e o sondavam em busca de mais informações, contudo não eram impertinentes a ponto de fazerem perguntas diretas a um cavaleiro tão importante. Eles tinham um modo curioso de perguntarem um para o outro, ou para o vazio, e então esperar que Aidan respondesse.

– Me pergunto como exatamente o jovem Sr. Percival morreu – comentou um deles para a fumaça de cachimbo acima de sua cabeça.

– Imagino como são as grandes batalhas contra os franceses – instigou outro, encarando a cerveja em sua caneca.

– Todos vocês conheciam o capitão Morris? – perguntou Aidan depois de satisfazer a curiosidade deles fornecendo alguns detalhes sangrentos sobre a Batalha de Toulouse.

Ah, sim, com certeza, todos conheciam Morris, embora ele não viesse para casa fazia anos.

– Partiu o coração do pai, o rapaz, fugindo daquele jeito para ser pago com o dinheiro do rei – disse um deles, mostrando uma lastimável ausência de conhecimento de como um homem se tornava oficial da cavalaria.

Seguiu-se uma discussão acalorada questionando se o velho Morris tinha um coração que pudesse ser partido.

– Vejam o que ele fez com a própria filha, que cuidou dele *igual como* uma santa todos os *ano* que o pai *teve* doente – observou outro.

– Fez com a própria filha? – repetiu Aidan, o interesse despertado. Nem se incomodou em corrigir a gramática do homem.

– Sim – disse o mesmo homem que falara, balançando a cabeça e suspirando com tristeza dentro da caneca de cerveja.

Nenhuma outra explicação foi dada. O tema da conversa passou a ser a própria Srta. Morris e sua vocação para a santidade, que aparentemente se estendia além de cuidar de um pai enfermo por quatro ou cinco anos antes da morte dele – um pai que podia ou não ter coração. Entre outras coisas, parecia que ela começara e financiar uma escola na cidade, trouxera uma parteira para o lugar e pagara o salário da mulher, levava dois órfãos para

viver em sua casa quando ninguém mais os queria e dera emprego a tipos que ninguém mais teria coragem de tocar nem que fosse com a ponta de uma vara – ao menos foi o que falou um dos homens, e ninguém o contradissera. Ao que tudo indicava, a Srta. Morris levava ao extremo a ideia de caridade cristã. E também devia ser muito abastada, concluiu Aidan.

– Mas ela também é muito fácil de ser ludibriada – disse o estalajadeiro, balançando a cabeça e afastando uma cadeira para acomodar seu largo traseiro em uma mesa vazia. – Muito cabeça oca. – Ele bateu na própria cabeça com um dedo, para ilustrar o que dizia. – Ela pagaria uma moeda de ouro por uma de 1 tostão se você lhe contasse uma história triste. Isso é tão certo quanto eu estar sentado aqui.

– É verdade. – Um dos ouvintes balançou a cabeça com tristeza.

– Se perguntarem a minha opinião – disse o dono do lugar, embora ninguém houvesse perguntando –, o velho Morris fez a coisa certa antes de bater as botas. As mulheres têm o coração mole demais para tocar sozinhas um lugar como Ringwood e para ter o controle dos cordões de uma bolsa tão funda como a dos Morris.

– Tive a impressão – comentou Aidan, relutando em mostrar abertamente sua curiosidade – que o Sr. Morris havia deixado Ringwood para a filha.

– Ah, ele deixou – confirmou o proprietário. – Mas o lugar passaria para o Sr. Percival depois de um ano. Agora que ele acabou sendo morto pouco antes desse ano terminar, o Sr. Cecil Morris vai acabar ficando com tudo. Não espero ver *Cecil Morris* mergulhado em tristeza pela morte do primo.

O velho Morris deixara a propriedade para filha por apenas um ano? E, agora que seu irmão morrera, o lugar iria para outro parente? Isso seria desagradável para a Srta. Morris, pensou Aidan, caso ela viesse tocando o lugar desde que o pai falecera. Mas ao menos o novo proprietário *era* um parente. Sem dúvida ela logo se ajustaria ao novo modo de vida.

Ainda assim, a Srta. Morris mentira para ele. Aidan ficou aborrecido. Ela poderia ao menos ter lhe contado que estava prestes a perder a propriedade. Só que ela não lhe devia essa explicação, admitiu Aidan com um suspiro silencioso. Aliás, a Srta. Morris não lhe devia nada. O débito estava todo do outro lado.

Proteção fora a palavra que o capitão Morris usara. Aidan se lembrou da mão do capitão puxando febrilmente a manga de seu casaco, o último ímpeto de um moribundo.

Prometa que irá protegê-la. Prometa! Custe o que custar!

Maldição! Haveria mais naquela história do que ele já sabia?

Os homens perto dele haviam entabulado uma longa discussão sobre o Sr. Cecil Morris, mas Aidan não estava ouvindo.

– Como era o Sr. Morris? – perguntou. Detestava ficar sondando informações com estranhos, mas tinha a sensação de que precisava saber mais. – Estou me referindo ao pai do capitão Morris.

– Ele? – disse um dos que bebiam. – Não era melhor que nenhum de nós, embora tivesse o nariz empinado o bastante para ser o rei da Inglaterra. Era mineiro de carvão no País de Gales, antes de se casar com a filha do dono da mina e ficar rico. Quando o sogro morreu, Morris vendeu a mina, ficou mais rico ainda, comprou a propriedade aqui e se estabeleceu como um cavalheiro. Ele fez com que o filho fosse criado como um cavalheiro e a filha, como uma dama, mas os dois o decepcionaram, o que foi bem feito. O Sr. Percival foi para as guerras, e a Srta. Morris não se casou com nenhum dos esnobes que ele quis empurrar para ela.

Ah, pensou Aidan. O leve sotaque galês estava explicado. Assim como a tia totalmente galesa.

– Ah, mas foi o conde de Luff que não deixou que o filho se casasse com *ela* quando Morris sugeriu – contou outro homem depois de mostrar ao taverneiro a caneca vazia. – Ela não teve chance de recusá-lo.

– Mas provavelmente teria – emendou o taverneiro, colocando-se de pé. – Nunca houve nada de esnobe na Srta. Morris.

Aidan também se pôs de pé. Acenou com a cabeça, despedindo-se com simpatia do estalajadeiro e dos outros, e voltou para o quarto. Resolvera sair para uma longa cavalgada. Precisava decidir o que fazer... e se faria alguma coisa. Seria uma profunda falta de educação voltar a Ringwood e começar a investigar de novo assuntos que diziam respeito à Srta. Morris. Mas – com muita relutância – Adam tinha que admitir que agora não poderia simplesmente voltar para casa na manhã seguinte.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br